

WestLB reformula asset e dá mais foco para pessoa física

Por Luciana Monteiro
16/11/2006

O Banco WestLB quer voltar a concorrer fortemente no Brasil na área de administração de recursos. A asset está em pleno processo de reformulação de fundos e mudará até seu nicho de mercado. Com foco voltado principalmente para clientes corporativos, a gestora passará a dar mais atenção para a pessoa física de alta renda. Mas as mudanças não param por aí: aquisições estão nos planos e a instituição já está, inclusive, em conversação com uma gestora brasileira.

Marisa Cauduro/Valor



Aristides Jannini, diretor da unidade de asset management do WestLB Brasil: idéia é popularizar a gestora

A mudança representa uma profunda transformação na estratégia de mercado da asset no Brasil. Apesar de os fundos do banco estarem abertos para captação, na prática somente alguns poucos investidores já clientes da plataforma corporate aplicam nas carteiras. A idéia, a partir de agora, é popularizar a gestora, diz Aristides Campos Jannini, diretor executivo de asset management do Banco WestLB do Brasil. O foco serão os investidores pessoa física que hoje estão numa faixa pré-private, ou seja, não fazem parte do varejo de alta renda, mas também não têm recursos suficientes para ser atendidos pelas plataformas de private bank do país.

Aquisições não estão descartadas, diz Jannini. Segundo ele, a asset do banco mantém conversações com uma gestora de recursos, mas o executivo não quis adiantar qual é essa instituição. Sem dar muitos detalhes, o diretor conta que outras tentativas já foram feitas com duas assets, mas as negociações não avançaram. "O objetivo é não só aumentar a grade de produtos como o número de clientes e a receita", afirma o executivo.

Num primeiro momento, a intenção é trabalhar como planejador financeiro, principalmente para os donos de empresas médias de primeira linha, faixa em que o banco já conta com uma carteira de clientes. "Eles são os private de amanhã e a idéia é apoiar o desenvolvimento do negócio para fidelizá-los", diz o executivo. Segundo Jannini, a gestora irá montar a carteira de investimentos do cliente considerando não só o perfil de risco do investidor, mas também o seu momento de vida financeiro - se planeja comprar um apartamento, um carro importado ou se tem uma dívida em dólar, por exemplo.

Em 2001, o banco chegou a lançar uma gestora com a placa da asset no exterior, a WestAM, mas acabou abandonando o projeto. Por uma questão de marketing, a instituição resolveu fortalecer somente a marca WestLB aqui no Brasil. Isso quer dizer que a asset hoje é uma unidade que fica sob o guarda-chuva do banco.

A alteração de perfil da gestora do WestLB ocorre num momento em que cresce no país o número de escritórios de aconselhamento financeiro. Chamados de "advisors", esses escritórios buscam oferecer tratamento diferenciado para os clientes de alta renda, mas que estão fora dos private banks. Muitas estruturas private elevaram nos últimos anos o mínimo exigido para aplicação de R\$ 1 milhão para US\$ 1 milhão. Isso criou um nicho de mercado junto àqueles que têm alta renda, mas não o suficiente para ser atendidos pelos private. É justamente esse nicho que vem sendo explorado por algumas instituições.

As mudanças em termos de produtos começam com uma parceria com a Phynance Asset Management, primeira gestora especializada em fundos quantitativos do país (carteiras que usam modelos matemáticos para definir suas aplicações). O WestLB irá distribuir o multimercado Oryon para os clientes. Lançada no início do mês, a carteira tem carência de 22 dias úteis para resgate, taxa de administração de 2% ao ano e mais 20% sobre o que exceder o CDI. A aplicação inicial é de R\$ 20 mil e a meta de retorno é de 150% do CDI. Segundo Fabio Bretas, a gestão investe nos mercados de dólar, juros, índice futuro e em 20 papéis do Índice Bovespa. "Achamos que, com a queda dos juros, os multimercados e os fundos de ações vão diferenciar as assets no país", diz Jannini.

Segundo ele, o banco estuda também distribuir o Cygnus, outro fundo de ações que adota estratégia quantitativa. A carteira tem aplicação mínima de R\$ 50 mil e taxa de administração de 3% ao ano. Há taxa de performance de 20% sobre o que exceder o Ibovespa. Bretas conta que o sistema da gestora reavalia a cada 15 minutos a estratégia de gestão e, se for o caso, recomenda a venda dos ativos. "Há ineficiências no mercado e é justamente isso que tentamos capturar", diz ele. Apesar da parceria com o banco, a Phynance não tem acordo de exclusividade com o WestLB.

Segundo Bretas, os fundos quantitativos já somam patrimônio de mais de R\$ 800 milhões. No início de 2005, essas carteiras reuniam R\$ 250 milhões. A principal característica dos quantitativos é que eles tentam evitar que as emoções dos gestores influenciem nas decisões. Quem decide o que fazer é o modelo, que funciona como uma espécie de robô, mandando o gestor comprar ou vender. Lá fora, o próprio robô faz as operações, caso do mercado internacional de moedas, que funciona 24 horas. Na visão desses gestores, o mercado é eficiente e não pode ser vencido.

Por aqui, a estratégia quantitativa direcional, ou seja, que aposta na alta ou queda de um determinado ativo, é a mais usada. Mas há também um outro tipo de estratégia, a quantitativa fundamentalista, na qual uma carteira é montada a partir de operações de arbitragem ou de acordo com o valor considerado justo para as ações.